

PIEIDADE E CUIDADO SOCIAL

SÉRIE: EM SUA PRESENÇA

PRELETOR: JOSÉ REMÍGIO
DATA: 13-09-2009
MENSAGEM: 07 (Culto)

Eu pastoreei cerca de quinze anos em Ribeirão Preto onde tive uma experiência significativa num ministério chamado pelo cuidado dos outros, um ministério com uma visão de missão integral.

Coloque um rato diante de um gato e ver-se-á o que é realmente um gato! Quem que disse isso completou com o seguinte: coloque uma pessoa necessitada diante de um verdadeiro filho de Deus e ver-se-á o que é um verdadeiro filho de Deus. Seria bom que isso fosse verdade absoluta, mas da mesma maneira que temos gatos que se intimidam com alguns tipos de rato, infelizmente muitos filhos de Deus ao verem uma pessoa necessitada ficam sem ação. É nesse aspecto que eu gostaria de trazer para nossa meditação, um trecho bastante conhecido que é a parábola do bom samaritano, bastante lida, conhecida e pregada. Mas como a palavra de Deus é viva e eficaz ela é sempre nova e se renova e o Espírito Santo aplica aos nossos corações, na medida em que a lemos e a relemos, na intenção de buscar a voz do Senhor para nossas vidas. Naquela parábola encontramos um homem conhecedor profundo da lei, das escrituras e o texto diz que para provocar o Mestre ele diz: “*Mestre, que farei para herdar a vida eterna?*” Ele era conhecedor das escrituras, queria colocar Jesus à prova, mas ele demonstrou alguma preocupação com a vida eterna e também levantou uma leve possibilidade de uma salvação pelas obras. Ao responder com outra pergunta, Jesus dá oportunidade para que ele expressasse o seu conhecimento das escrituras e ele faz de forma tal que recebe o elogio do Mestre, então Jesus disse: “Muito bem, você falou certo, correto.” Não satisfeito com a própria resposta, por não ter entendido a implicação das suas próprias palavras, ele na tentativa de se justificar fez uma outra pergunta: “*Quem é o meu próximo?*” A idéia dos judeus para próximo passava pela idéia do vizinho próximo, pela comunidade dos israelitas, mas dificilmente, a idéia do amor incondicional que pudesse ser manifesto a outros diferentes, sem barreiras étnicas e sociais de qualquer espécie. Eles não tinham essa visão, então, Jesus passa a responder às perguntas dele

contando uma parábola que era em resposta à segunda pergunta e não à primeira. Em Lc 10: 25- 37 diz: “*Eis que certo homem, intérprete da lei, se levantou com o intuito de pôr Jesus à prova, e disse-lhe: Mestre, que farei para herdar a vida eterna? Então Jesus lhe perguntou: O que está escrito na Lei? Como interpretas? A isto ele respondeu: Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todas as tuas forças e de todo o teu entendimento e amarás ao teu próximo como a ti mesmo, então Jesus lhe disse: respondeste corretamente, faze isto e viverás. Ele porém querendo justificar-se perguntou a Jesus: Quem é o meu próximo? Jesus prosseguiu, dizendo: Certo homem descia de Jerusalém para Jericó e veio cair em mãos de salteadores, os quais, depois de tudo lhe roubarem e lhe causarem muitos ferimentos retiraram-se deixando-o semimorto. Casualmente descia um sacerdote por aquele mesmo caminho e vendo-o passou de largo. Semelhantemente um levita descia por esse lugar e vendo-o, também passou de largo. Certo samaritano que seguia o seu caminho, passou-lhe perto e vendo-o compadeceu-se dele, e chegando-se pensou-lhe os ferimentos aplicando óleos e vinho e colocando-o sobre o seu próprio animal levou-o para uma hospedaria e tratou dele. ...”. Qual destes três te parece ter sido o próximo do homem que caiu nas mãos dos salteadores? Respondeu-lhe o intérprete da lei: o que tratou de misericórdia para com ele. Então lhe disse: vai e procede tu de igual modo.”*

Vamos orar uma vez mais: Senhor nós te agradecemos porque a Tua Palavra, inspirada pelo Teu Espírito, chegou até nós registrada de maneira milagrosa, que permanece até hoje para nossa instrução e nós te suplicamos que o Teu Espírito que a inspirou também ilumine e abra os nossos corações para que possamos compreender aquilo que Tu tens para dizer a cada um de nós nesta noite. Que ela seja semente Tua em terra fértil, para produzir os frutos a que ela se destina. Nós oramos assim em nome de Jesus, amém. É interessante essa história bem conhecida, mas que sempre revela algumas

coisas novas. A primeira coisa que eu gostaria de chamar à atenção é a cena do relato de Jesus: era um percurso de aproximadamente trinta quilômetros que descia em curvas fechadas e penhascos em uma topografia profundamente irregular e perigosa. Descia mais de mil metros de altitude de Jerusalém a Jericó, próximo da região do mar morto, entre desfiladeiros e curvas. Era portanto, um lugar propício para que assaltantes se escondessem e assultassem os passantes naquela estrada. Era uma estrada importante como até hoje o é. O interessante é que registros históricos mostram que ela não era perigosa apenas nos dias de Jesus. Ele escolheu aquilo porque era conhecido como percurso perigoso. Jerônimo, no século quinto, chamava aquele caminho de vermelho ou caminho sangrento, por essa fama que tinha. Dizem alguns registros que no século V era necessário pagar pedágio aos *sheikes* da região antes de se aventurar por aquele caminho, senão tinha-se toda a chance de não chegar incólume no seu destino. Em 1930 um homem chamado H.Z.Morton, contou que ele foi alertado na sua viagem para fazer o percurso antes de anoitecer, pois um tal Abugidá costumava assaltar os carros, os viajantes e turistas, fugindo para os esconderijos nas montanhas antes que a polícia chegasse. Então Jesus foi no ponto certo ao colocar a cena naquela história para aquele intérprete da lei e aqueles que o ouviam. O lugar era reconhecidamente perigoso, e ninguém com um mínimo de prudência faria aquele percurso sozinho. Normalmente eram em caravanas que eles percorriam aquele caminho de Jerusalém para Jericó. Jesus ao falar isso introduz nessa cena vários personagens e eu quero refletir um pouco sobre cada um deles. Geralmente nós pensamos mais no caído, o homem que foi assaltado; no sacerdote, no levita e no bom samaritano, mas se prestarmos atenção vamos ver que há mais gente aqui. É claro que começamos pelo viajante, que não foi identificado, não se sabe pelo texto se ele era judeu, gentio, samaritano, ou de qualquer outra nacionalidade. O texto não fala da sua característica pessoal, se ele era um homem comum do povo, se era um comerciante com certas posses, se era um passante por aquela região. O fato é que não se sabe praticamente nada a respeito dele, simplesmente que ele foi assaltado e ficou como semimorto. Aqui ele representa de uma maneira muito interessante uma vítima do cotidiano violento daquele lugar e daquelas circunstâncias e, em grande parte, por própria culpa. Ele não deveria viajar sozinho, ele foi temerário na sua decisão de passar por ali naquele horário, e de certa forma, ele não podia reclamar do que tinha acontecido. Ele se arriscou desnecessariamente, ele poderia aguardar uma caravana, um grupo de pessoas. Então, ele estava sofrendo em

parte por culpa dele mesmo. Por causa disso ele ficou jogado no canto da estrada numa situação deplorável. O texto diz que parecia que ele tinha morrido, estava como semimorto, e isso podemos trazer para os nossos dias, no nosso cotidiano, em situações de pessoas que são como aquele homem caído à beira do caminho. Nós encontramos muitas pessoas assim no nosso dia a dia, em vários aspectos diferentes, pessoas que nós não sabemos quem são, não sabemos a origem, as circunstâncias da sua vida e o que é que os levou àquela situação deplorável em que se encontram. Não sabemos e às vezes até desconfiamos que a culpa dele estar naquela situação pode ser dele mesmo. Às vezes nós sabemos disso e temos até vontade de dizer: “pois é, ele está pagando pelas consequências dos seus atos”. Às vezes temos até vontade de dizer: “Bem-feito, você podia ter evitado isso, olha agora a situação, não merece nem a minha compaixão, pois está assim porque quis, fez por onde, está sofrendo e está com sua vida em risco. Não é apenas uma vítima, ele tem culpa no cartório, ele também tem, de alguma maneira, que pagar por aquilo que fez”. A maneira como Jesus descreve o viajante e o que ele diz a respeito dele, chama-nos a atenção exatamente para esse fato, e era o que Jesus queria chamar à atenção. O samaritano não levou em conta nenhuma dessas circunstâncias que nós muitas vezes levamos antes de atender qualquer pessoa. Nós fazemos muitas perguntas, queremos saber o porquê dele ficar naquela situação, se ele tem algum outro tipo de recurso para poder ajudá-lo, se ele tem alguém que possa vir em seu socorro, se ele podia usar alguma coisa que lhe restou. Enfim, nós fazemos uma série de questionamentos e levantamos uma série de perguntas e até restrições e muito poucas vezes estamos dispostos a atender incondicionalmente aquele que está caído diante de nós. Não sabemos nada a respeito dele e às vezes queremos saber muito a respeito de quem nós nos dispomos a ajudar, seja individual ou coletivamente.

Nós temos um segundo personagem, o único que se apresenta coletivamente, que são os salteadores. Eles estão na parábola que Jesus conta, e não são nem especificados em que tipo de gente, de onde eram, como eram, qual era a prática deles, quantos eram. O que dá para ficar claro é que eles impuseram àquele homem sofrimento de tal ordem que o deixaram semimorto. De certa forma esses salteadores podem trazer para nós o exemplo ou uma figura, dos agentes e das circunstâncias que muitas vezes estão fora do nosso controle e superiores às nossas forças. Estas provocam situações desesperadoras, das quais nós temos dificuldades de nos livrar sem que haja uma ajuda externa e no momento oportuno. Muitas vezes nós não pensamos nisso e, esses

salteadores de alguma maneira ressaltam que há situações na vida que ocorrem devido a fatores que não poderiam ser evitados. Mas muitas vezes dizemos: “Ah!, ele podia ter evitado isso”, ou: “Ele podia ter feito por onde”. Mas circunstâncias às vezes da própria natureza, como vimos acontecer em Santa Catarina, e não apenas na questão das intempéries naturais, mas das injustiças sociais em termos de opressões de varias ordens. Também as consequências do próprio pecado, consequências de ação de outras pessoas e consequências de atitudes que nós vamos tomando ao longo das nossas vidas que, quando chegam e se derramam sobre nós, ou quando desabam sobre outras pessoas, é muito difícil que elas consigam se levantar sozinhas. De alguma maneira Jesus estava dizendo: “Olha aquele homem foi deixado num estado tal, que ele não tinha nenhuma possibilidade de reação”. O termo usado por Jesus aqui foi semimorto, como se desacordado, como que desmaiado, quase num estado de coma, completamente fora de qualquer possibilidade dele mesmo tentar pedir ajuda. Isso para nós é um alerta, porque às vezes nós nos vemos diante de situações de pessoas que estão exatamente assim, à beira do caminho, completamente desprovidas de qualquer possibilidade de reação àquela situação.

Há outros personagens envolvidos nessa parábola, e chegamos agora na figura do sacerdote. Jesus vai citando no texto: “*casualmente descia por aquele mesmo caminho, o sacerdote*”. Ele era um religioso e era natural a expectativa dos ouvintes, pelo menos em tese, e para nós também, que ninguém melhor do que o religioso para se compadecer daquele homem caído, dada a própria orientação das escrituras hebraicas que eram bastante conhecidas daquele sacerdote. No entanto, como acontece com os religiosos, e muitas vezes conosco, conhecedores da Palavra, seguidores de Jesus, filhos de Deus, nós temos uma tendência muito grande de racionalizar as nossas ações e especialmente quando se destinam aos caídos à beira do caminho. Como diz em Levítico 21.11 e em Números 19:11, sendo sacerdote, ele não poderia tocar e nem se aproximar de um animal ou uma pessoa morta, por que se isso acontecesse ele estaria contaminado e precisaria passar por todas as cerimônias de purificação. Assim ele perderia o seu turno no templo, pois ficaria prejudicado na sua pureza cerimonial, e em tudo aquilo que diz respeito ao seu ministério de adoração, ao seu ministério de sacerdote intercedendo a Deus pelo povo. O texto de Jesus diz que ele parecia semimorto, ele dava a impressão de poder estar morto, então na dúvida, o sacerdote deve ter pensado assim: “se eu atravesso e chego perto para ver se ele está morto, pode ser que ele

esteja vivo, então eu posso ajudá-lo. Mas, se ele estiver morto, comprometo toda a minha preparação, todo o esquema do meu trabalho religioso. Assim, toda minha relação com o meu ministério vai ficar prejudicada, pois estarei contaminado e outros vão tomar o meu lugar no templo”. Legalisticamente ele não queria correr o risco de contaminação. Provavelmente ele também se preocupou com a segurança, se o caminho era complicado, quanto mais rápido ele passasse, melhor. De repente os bandidos podiam estar escondidos por ali e ele ser assaltado também. Ele realmente deve ter tido um conflito, e nessa batalha entre se omitir ou prestar socorro, o se omitir ganhou. Ele deliberadamente evitou qualquer possibilidade de contato ou comprometimento da sua pureza cerimonial. Um homem caído, na sua dor, sofrimento e necessidade foi deixado onde estava. Então, é um risco que corremos e muitas vezes nos achamos nesse processo de racionalizar os nossos motivos, muitas vezes espirituais, para não nos expormos a riscos para alcançar aquele caído à beira do caminho. Era um sacerdote, tinha todo o conhecimento da Palavra, tinha envolvimento ativo com o culto e adoração, e isso tudo foi o que o fez racionalizar e deixar o homem abandonado. Mas Jesus não parou no sacerdote. Ele citou logo depois um levita, que sendo da tribo de Levi, tinha responsabilidades no culto. Não pertencia exatamente ao grupo de sacerdotes, mas à uma base mais ampla onde todas as responsabilidades, desde a manutenção do culto até louvor e adoração no templo, eram de responsabilidade dos levitas. Eles também precisavam manter essa pureza cerimonial e tinham uma porção de atividades. As agendas dos levitas eram muito carregadas, eles tinham muito trabalho para fazer na manutenção do culto, naquele contexto todo, e o texto diz : “*de maneira semelhante, um levita descia por aquele lugar, vendo-o também passou de largo*”. O raciocínio em relação ao levita é o mesmo que fizemos em relação ao sacerdote, talvez com mais alguns detalhes. Ele deve ter pensado: “pode ser uma armadilha para mim, pode ser que esse homem não seja de fato um necessitado, ele pode ser um saltador fingindo de morto para quando eu chegar perto ele me atacar”. Muitas vezes nós temos esse tipo de reação com pessoas profundamente necessitadas. Não que isso não seja um risco, nós sabemos que é, mas é um risco que não justifica a racionalização de dizer: “então eu vou deixar pra lá”. Dúvida pró-réu é uma expressão jurídica: eu tenho dúvida, mas, vou beneficiar o caído, mesmo com risco, afinal de contas, quem é o meu Senhor? Ele não é maior do que tudo aquilo que me pode acontecer de mal? Mas o levita da mesma maneira que o sacerdote, não podia perder tempo, não podia se atrasar no atendimento

dos seus compromissos e socorrer o desconhecido na beira da estrada. Era muito perigoso, os riscos eram grandes e ele agiu da mesmíssima forma que o sacerdote. A sua pureza cerimonial, os seus compromissos religiosos, a sua segurança, foram mais importantes do que a disposição de ajudar e de se aproximar daquele homem caído.

Depois, Jesus entra com mais um personagem, que é o samaritano. Provavelmente os ouvintes de Jesus esperavam que após um sacerdote e um levita, viesse a figura de um judeu leigo. Seria talvez uma atitude esperada por muitos, principalmente pelos escribas e fariseus, que eram aqueles que estavam mais junto com Jesus e questionando-o. Eles não eram do grupo dos saduceus que compunham o grupo dos sacerdotes, e que já estavam bem comprometidos com o próprio governo romano. Mas os fariseus eram daquele grupo de pessoas que queriam resgatar, como aquele interprete da lei, as escrituras e romper com aquele sacerdócio corrompido dos dias de Jesus. Então, talvez fosse bom aos ouvidos deles, Jesus dizer: “agora um judeu”, que não era levita, nem sacerdote, talvez um leigo, o que viria ao encontro da expectativa deles. Isso era bom para eles, no entanto, ao invés de um enredo ante clerical que pegaria bem naquele contexto, Jesus introduz a figura de um samaritano. Isso produziu um efeito devastador na cabeça deles, pois, depois que o império do Norte foi levado pelos assírios com a caída da Samaria em 722 a.C., houve uma miscigenação dos samaritanos com os outros povos conquistados. O Reino do Norte nunca mais foi restaurado como nação, como aconteceu com o Reino do Sul mais tarde. Os samaritanos eram os remanescente das tribos de Judá e Benjamim, aqueles que acabaram ficando por ali e perduraram até nos dias de Jesus. São frutos de uma mistura de etnia absolutamente desprezada e considerada espúria pelos judeus, porque não mantiveram a pureza do povo escolhido de Deus. Assim, os samaritanos eram terrivelmente mal tratados pelos judeus e vice-versa. Basta lembrarmos do dialogo de Jesus com a mulher samaritana junto ao poço de Sicar e ver como naquele dialogo fica evidente a antagonia entre judeus e samaritanos. Ao Jesus citar o samaritano, ele estava mencionando um camarada cuja teologia era a pior possível. Ele não tinha doutrina nenhuma, nenhum conhecimento profético do período exílico e pós-exílico. A história dos samaritanos era desprezível em todos os aspectos, nada de bom e aceitável poderia ser esperado de um samaritano pelos judeus. Ele era um herege enfim e, no entanto, é esse camarada que Jesus disse que chegou perto, viu aquele homem, se compadeceu dele e acabou se envolvendo com ele. O texto dá detalhes em

que ele usou o seu azeite e o vinho para pensar suas feridas. Usou aqueles recursos que ele tinha e depois de ver que o homem realmente não estava morto, o colocou em cima do seu animal, o que mostra que ele passou a viajar a pé. Então, ele usou os recursos que tinha, abriu mão de conforto naquela viagem que estava fazendo, perdeu mais tempo e acabou levando para uma hospedaria que ele provavelmente conhecia naquele caminho. Gastou recursos dele naquela hospedaria e, enfim, ele se envolveu com aquele caído, mostrou amor por aquele caído, de uma maneira quase que absurda. Como um samaritano podia mostrar o amor de Deus derramado no seu coração? Era isso que ele estava fazendo, ele estava agindo de uma maneira absolutamente inesperada para aqueles ouvintes de Jesus.

O último dos personagens é o hospedeiro, aquele dono da estalagem, onde o samaritano levou aquele homem. É alguém que entra na história de uma forma aparentemente marginal, mas que na realidade desempenha um papel fundamental no atendimento àquele homem caído. Não se cogita aqui da sua formação religiosa, da sua nacionalidade, dos seus sentimentos em relação aos judeus. Mas fica claro que o samaritano o conhecia e que ele era um homem de sua confiança, julgando imprescindível a sua participação para o atendimento adequado daquele homem. O samaritano tinha que continuar viagem, tinha os seus negócios, ele não podia ficar parado ali cuidando daquele homem pelo tempo que fosse necessário. Então, ao deixar aquele homem caído, já nos primeiros atendimentos na hospedaria, ele falou: “cuida dele, trata bem dele e eu vou te ressarcir”. Já deixou uma parte de dinheiro que pela ocasião, era muito mais do que a estadia de um mês naquela hospedaria, e disse: “qualquer coisa mais que você precisar, pode gastar, quando eu voltar eu vou te indenizar”. Ele fez uma parceria com aquele dono da hospedaria, mas não abriu mão da sua própria responsabilidade. Aqui há outro desafio que temos diante de nós: parceria com governo municipal, com governo estadual, com outras pessoas não exatamente do mesmo meio, da mesma igreja, ou até cristãs, para alcançar alguns objetivos específicos. Nós, muitas vezes, temos muitos pruridos em fazermos parcerias com pessoas que não pensam exatamente como nós e que não conhecemos o seu currículo de ponta a ponta para podermos ter total confiança naquilo que farão. Numa ocasião eu ouvi a seguinte ilustração: você passa na frente de um prédio que está pegando fogo e há uma pessoa gritando no terceiro andar. Para salvá-la você tem que subir lá, e você sozinho não vai conseguir, precisa da ajuda de mais uma pessoa. O único que está

disponível para te ajudar naquele momento e se dispõe, é um pai de santo de um terreiro em frente. Aí vem a pergunta: você vai aceitar a ajuda do pai de santo para subir e salvar aquela vida ou você vai dizer pra ele: “Não, eu não posso fazer nada junto com você, afinal de contas é jugo com infiel, é desigual, vamos deixar o camarada morrer, mas eu não posso subir junto com você”. É um pouco exagerada essa comparação mas nos confronta porque o que interessa é o objetivo a ser alcançado. É claro que você não vai abrir mão de princípios, esse exemplo foi bem contundente de propósito, mas muitas vezes as parcerias são oportunidades de testemunho e de conquista daquele com quem nós estabelecemos parcerias. Ele vai querer saber porque eu me dispus a fazer tanto, porque aquele samaritano abriu mão de tanta coisa por causa daquele camarada que ele não conhecia. Talvez na volta aquele hospedeiro tenha conversado com o samaritano: “senta aqui e me explica porque você fez tudo isso”. Nós muitas vezes não entendemos que as oportunidades de parceria, além de viabilizar o atendimento ao caído, é uma oportunidade de testemunho e de conquista daqueles que muitas vezes caminham junto conosco. Terminada essa questão desses personagens, quero citar rapidamente alguns riscos em todo esse processo de atendimento a outras pessoas. O primeiro risco que eu falaria genericamente é o de nós justificarmos as nossas omissões. Justificamos muitas vezes a nossa omissão por questão de segurança, por falta de identidade teológica, falta de tempo, por recursos insuficientes, medo de uma parceria inconveniente e, também, por questionar o merecimento daquele que vai ser atendido. Muitas vezes nos omitimos justificando de formas semelhantes a essas. Eu ouvi uma frase em 1980, quando Adolfo Perez Esquivel, um argentino, recebeu o prêmio Nobel da paz. Era uma madrugada, eu estava ouvindo rádio, e noticiou que esse argentino havia ganhado o prêmio Nobel da paz. Ele está com 77 anos, é cristão não evangélico, mas cristão comprometido com causas sociais até hoje e a frase dele citada naquele momento foi a seguinte: “a omissão dos cristãos é mais perigosa para o mundo do que a ação dos terroristas”. Até hoje essa frase bate na minha cabeça e me incomoda, isso nos faz tremer. Se formos lá para o sermão profético de Jesus, em Mateus 25 quando ele faz a separação entre bodes e ovelhas, aqueles que vão herdar o reino e aqueles que vão ser condenados eternamente, é interessante vermos a exposição clara de que as razões da salvação aparentemente foram obras e eles disseram: “*mas quando Senhor, não te vimos e não atendemos?*” E Jesus lhes diz: “*quando deixastes de fazer a um desses meus pequeninos*”. Então foi a omissão, e não a iniquidade

das vidas, não foram as ações ignominiosas deles que foram levantadas no julgamento como razão principal para a condenação, mas foi a omissão e é terrível pensarmos nisso. Mas outro risco são as motivações equivocadas. Às vezes somos motivados para atender aos outros mas nós corremos o risco de sermos movidos por algumas coisas que não deveriam nos mover primariamente naquela direção. Às vezes vemos projetos de atendimento social de várias ordens em que o grande objetivo é melhorar a qualidade de vida de um ambiente e da sociedade como um todo. Se nós investirmos na questão do meio ambiente, em tirar meninos da rua, em educação, nós vamos melhorar a qualidade de vida dessas pessoas. Consequentemente, vamos melhorar o ambiente em que vivemos, e em última instância os beneficiados seremos nós mesmos. Tudo vai ficar melhor, e muitas vezes empresas, pessoas e até grupos cristãos têm como motivação básica de uma ação social a melhoria da qualidade de vida, quando a motivação básica deveria ser o amor pelo caído, incondicionalmente. Claro que as consequências vão ser todas essas, não tem nada de errado melhorar a qualidade de vida, pelo contrario, mas será que deve ser essa a motivação que nos move? Outra motivação equivocada, muitas vezes é aplacar a própria consciência. Não são poucas as vezes em que vemos num semáforo, alguém pedindo e ficamos naquele conflito tremendo. Sabemos que dando uma esmola aqui, não vamos resolver o problema, então ficamos naquele conflito. Como não temos uma alternativa para oferecer, não há um trabalho organizado para tirar os meninos da rua, o próprio governo não está agindo adequadamente como deveria nesse sentido, e outras organizações poderiam estar, ficamos querendo é que o sinal abra para sairmos logo dali e não vermos mais aquela situação. Mas às vezes ficamos incomodados com aquilo e damos a esmola logo que é para tirar da frente, ir embora, e aplacar a consciência. Num outro momento, começamos a nos envolver com discussões acadêmicas, filosóficas, ideológicas e aí vamos encontrar os culpados: o governo, as ONGS, a sociedade, o próprio pedinte, aquele que não tem aceitado tudo aquilo que podemos fazer, reagindo àquilo tudo. Então acabamos racionalizando a situação e aplacamos também a nossa consciência com a nossa discussão filosófica a respeito. Então precisamos ter cuidado com essas motivações equivocadas. Podemos até fazer alguma coisa para aplacar a consciência, mas: **eu tenho que fazer pelo amor de Deus derramado no meu coração.** Também o atendimento com vistas ao investimento é outra motivação equivocada. Já não é um aspecto muito nosso, dos crentes, mas vemos especialmente aqueles de origem espírita e alguns

resquícios católicos romanos em que as obras também são importantes. Então de alguma maneira, ele está investindo na eternidade e, em última instância, o beneficiado direto disso tudo é ele mesmo. Aquele que está sendo atendido é apenas circunstancialmente a razão do atendimento. Há muitos outros equívocos que eu poderia citar, por exemplo, de vez em quando vemos artigos sobre empresas que beneficiam e preferem os profissionais que se envolvem em ações comunitárias, porque isso é bom para a empresa. Além do mais a própria empresa se envolvendo nisso, principalmente em relação a meio ambiente e à drogas, isso vai transformar a empresa em “empresa amiga da criança”, “empresa ecologicamente correta”, etc. Isso vai trazer benefícios comerciais para a empresa, vai aumentar os lucros, aumentar os resultados. Então vamos fazer porque vale a pena e, não que não se deva fazer, mas devemos tomar cuidado se a motivação não está sendo equivocada. As empresas devem fazer, é bom que façam, mas qual é a motivação maior? O atendimento do necessitado, do caído ou em última instância a melhoria das minhas condições sociais e de lucro? A conclusão que podemos tirar disso tudo é voltando às duas recomendações que Jesus fez àquele intérprete da lei. Quando o intérprete da lei citou os dois mandamentos: “*Amar a Deus acima de todas as coisas e ao próximo como a ti mesmo*”, Jesus disse: “*Faze isso e viverás*”. Mas ele sabia que era impossível por ele mesmo fazer isso. Como ele vai ser salvo sendo absolutamente cumpridor da lei? Aí entra a segunda recomendação de Jesus quando ele acaba de contar a história, e o próprio intérprete da lei diz: “Não, não, o próximo é aquele que usou de misericórdia com aquele homem”. Então Jesus diz: “*Então vai tu e faze de igual modo*”. Quer dizer, ele não pode ficar indiferente a essa confrontação de Jesus, que é confrontação da Palavra para cada um de nós. Na realidade aquele samaritano fez isso não por ele mesmo. Em I João 4 :19-20 o texto nos diz: “*Nós amamos porque Ele nos amou primeiro*”. Se alguém disser: “amo a Deus” e odiar a seu irmão, é mentiroso, pois aquele que não ama o seu irmão a quem vê, não pode amar a Deus a quem não vê. Aquele samaritano viu o caído, nós temos visto aqueles que estão caídos ao longo do nosso caminho? Ou não temos visto? Ou não temos olhos para isso? E é o que João diz: “Se eu não amo aquele a quem eu vejo, como posso amar a Deus, a quem eu não vejo”? Somente quando cuidamos dos necessitados porque o amor de Deus é derramado em nosso coração pelo Espírito Santo (Romanos 5: 5) é que conseguimos olhar os nossos semelhantes despidos de toda sorte de discriminação. Seja de ordem social, cultural, política, ideológica, religiosa, familiar, profissional, étnica ou de qualquer outra natureza.

Nós só conseguimos olhar desprovidos dos nossos olhos discriminadores, se nós deixarmos que o amor de Deus derramado em nosso coração atue, e nós sejamos instrumentos desse amor de Deus, como aquele samaritano fez. Aí então descobrimos que aquela pessoa é amada por

Deus é uma pessoa por quem Cristo morreu e ressuscitou e que eu sou o próximo dela para poder ser um instrumento do amor de Deus que precisa ser manifestado em forma de ações concretas. É esse o desafio que eu gostaria de deixar. Nós conhecemos tudo isso, mas muitas vezes somos tomados pelas nossas racionalizações, pelos riscos que nos envolvem e perdemos de vista que a razão pela qual nós somos enviados é para olharmos para o caído e fazer da mesma maneira que fez aquele samaritano. Mesmo que seja para poucos, mesmo que seja para um só. Nós gostamos muito de números, de eficácia, de valorizar os nossos investimentos de todas as ordens, queremos ver os resultados. Quando aparentemente o resultado é pífio, é muito pequeno, um só foi alcançado, pensamos logo em mudar a estratégia. Nesse caso, eu já não estou pensando na pessoa, estou pensando na estatística. Por isso vou terminar contando uma ilustração que talvez mexa com cada um de nós nesse aspecto. Um turista caminhava na praia deserta na costa do México ao por do sol. Enquanto caminhava, notou ao longe um homem que com certa frequência se abaixava e pegava alguma coisa na areia e lançava no mar. Quando se aproximou, percebeu que ele pegava pequenas estrelas do mar que haviam sido trazidas pela maré e as lançava de volta ao seu habitat natural, evitando assim que morressem. Chegando perto dele o turista o cumprimentou e disse: eu estou aqui imaginando o que você pode estar fazendo. O homem simplesmente respondeu: “eu estou lançando essas estrelas do mar de volta ao oceano, como você vê a maré está baixando e todas essas foram trazidas à praia. Se eu não as lançar de volta elas morrerão por falta de oxigênio”. Entendi, disse o turista, mas, pense bem, há milhares de estrelas do mar nessa praia, será impossível pegar todas elas, são muitas, além do mais, você faz idéia que quantas centenas de praias ao norte e ao sul existem nessa mesma costa? Você não percebe que o que você está fazendo não vai fazer a mínima diferença? Aquele homem sorriu, abaixou-se uma vez mais, pegou outra pequena estrela do mar, lançou-a de volta ao oceano e respondeu ao turista perplexo: “para essa aqui fez diferença”.

Vamos orar: Senhor, nós queremos te agradecer porque a tua palavra nos confronta, e a tua palavra nos estimula a viver de uma maneira que te agrade, a olhar para aqueles que estão em volta de nós, não importa quantos, não importa em que proporção, mas importa àquele que Tu tens colocado em nosso caminho. Abre nossos olhos para vermos, abre os nossos olhos para fazermos diferença àquele que Tu colocas diante de nós. Obrigado pela Tua Palavra, em nome de Jesus, amém.